FEIJÃO

Esperava-se uma razoável expansão da área cultivada nesta safra, mas a primeira avaliação do IBGE, em setembro, já a estimou em apenas 1%, devido às quebras dos primeiros plantios. Atualmente, sabe-se que a extensão do cultivo será menor do que a do ano passado e que as importações são quase certas, em 1986.

O calendário do plantio do feijão das águas antecede o das demais lavouras temporárias. No mês de julho, têm início as semeaduras no Paraná e São Paulo, logo seguidas pela de Santa Catarina. No Centro-Sul, este é um período normalmente de escassa pluviosidade relativa, necessitando as plantações de chuvas na primavera, o que não ocorreu este ano.

Os feijoeiros foram os primeiros a sentirem os efeitos da estiagem e, em conseqüência, as estimativas de maior área plantada tiveram de ser várias vezes revistas. A avaliação do **IBGE** passou do otimismo inicial de uma área 1% maior, em setembro, quando já se sabia de alguma dificuldade no campo, à redução de 3,5%, contida no **Prognóstico da Produção Agrícola** de novembro (ver Quadro 05).

No principal estado produtor desta safra, o Paraná, a situação é grave. Até recentemente, supunha-se que as zonas produtoras de feijão **preto** estariam menos afetadas pela falta de chuvas, mas, aos poucos, percebeu-se que o prosseguimento da seca causara perdas generalizadas, atingindo o Sudoeste paranaense. As regiões de Francisco Beltrão e Pato Branco perderam, até meados de dezembro, 30 mil ha (10 mil na primeira e 20 mil na segunda). Segundo o **Deral-PR**, esperavam-se entre 83 mil t e 92 mil t em Francisco Beltrão e, agora, acha-se que a produção ficará em torno de 30 mil t. Em Pato Branco, previa-se que a colheita ficaria entre 36 mil t e 41 mil t (foram plantados 42 mil ha) e a estimativa atual é de 5 mil t. No conjunto do estado, a área cultivada atingiu o esperado no início das dificuldades climáticas: 650 mil ha. De acordo com a mesma fonte, já foram perdidos 111 mil ha e, dos 220 mil ha colhidos até meados de dezembro, obtiveram-se 78 mil t. A produção final da safra é prevista entre 200 mil e 220 mil t, o que, **de per si**, já representa um sério desfalque para o país, pois o consumo paranaense é de 150 mil t e a reserva de sementes deveria ser composta por 30 mil t, o que, praticamente, elimina as vendas para outros estados.

Em Santa Catarina, chuvas recentes, principalmente no Norte, poderão ter amenizado os problemas mas, segundo a **Cepa-SC**, teriam servido tão-somente para recompor a umidade do solo, sem força para recuperar o lençol freático. O plantio está completo, conforme dados do **IBGE**, e há estimativas de perdas de até 60% da safra, que chegaria a apenas 110 mil t (foram colhidas 229 mil t, na safra 1984/85). Estimava-se que a área semeada seria 10% maior, este ano, mas o plantio foi interrompido antes de o prazo recomendado encerrar-se (a maior parte do território planta até o fim de novembro e a região do Planalto poderia ir até meados de dezembro). Ainda há possibilidade de substituição pelo milho e a **Secretaria da Agricultura** tem detectado interesse dos agricultores na aquisição destas sementes.

No Rio Grande do Sul, cujo plantio se encerrou em agosto, as perdas são também elevadas. Levantamento efetuado por técnicos da **Emater**,

QUADRO 05 – FEIJÃO – REGIÕES E ESTADOS SELECIONADOS – PRODUÇÃO DA SAFRA 1985/86

DISCRIMINAÇÃO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)
Sudeste	479.021	251.353	525
Minas Gerais	242.244	105.335	435
Espírito Santo	49.348	33.561	680
Rio de Janeiro	7.429	4.457	600
São Paulo	180.000	108.000	600
Sul	1.059.095	669.166	632
Paraná	625.000	360.000	576
Santa Catarina	265.000	190.800	720
Rio Grande do Sul	169.095	118.366	700
Centro-Oeste	32.600	14.690	451
Mato Grosso do Sul	15.000	7.500	500
Mato Grosso	11.300	4.285	379
Goiás	5.000	2.125	425
Distrito Federal	1.300	780	600

FONTE – IBGE, novembro de 1985.

CFP, Fecotrigo e Secretaria da Agricultura recolheu informações de quebras de 90% em Soledade, Sobradinho e Erechim (25 mil ha plantados, nesta última região). A região de Lajeado teria perdido 40% da safra e, em Passo Fundo, há referências à perda total das lavouras.

Como indicação da gravidade dos efeitos da seca sobre as plantações de feijão (cabe lembrar sua precariedade, pois 55% dos produtores gaúchos, segundo o Censo de 1980, usam apenas sementes comuns e nenhuma tecnologia) pode ser utilizada a movimentação dos armazéns das cooperativas: a de Erechim, que, no ano passado, havia recebido 34 mil sacas de 60 kg, até meados de dezembro, este ano nada recebeu no mesmo período; na de Sobradinho, que pode armazenar 100 mil sacas, esperam-se 40 mil sacas.

... as atenções voltaram-se para os estados nordestinos...

A situação dos estados sulinos é difícil e o problema se repete em São Paulo, terceiro produtor da safra das águas passada. Depois de uma boa safrinha de inverno (67,1 mil ha plantados e 71,4 mil t colhidas) a safra das águas, cuja área foi estimada, em setembro, em 218,1 mil ha, pelo Instituto de Economia Agrícola, está agora avaliada em 175 mil ha, com uma produção de 87 mil t.

Diante da quebra nestas regiões, as atenções voltaram-se, no curtíssimo prazo, para os estados nordestinos produtores nesta safra, principalmente a Bahia e, a seguir, para os estímulos (necessários, mas nem sempre adotados) ao plantio da safra da seca.

A produção baiana, até o momento, não frustrou as expectativas, supondo a Cepa local que a área cultivada possa superar os 414 mil ha hoje esperados (colheram-se 356 mil ha na safra anterior). Calcula-se que, até 17/12, cerca de 60% da área tinham sido semeados.

Houve fortes chuvas no início de dezembro, o que vem dificultando o preparo do solo e provocando perdas de brotos de quatro/cinco dias. A maior lentidão do plantio poderá significar maior facilidade à concessão de incentivos à expansão das lavouras, pois, de outra forma, a semeadura estaria encerrada em dezembro e não haveria tempo hábil para qualquer intervenção. Embora não seja recomendado pela assistência técnica, é possível que se plante durante o mês de janeiro, havendo disponibilidade de crédito e de sementes.

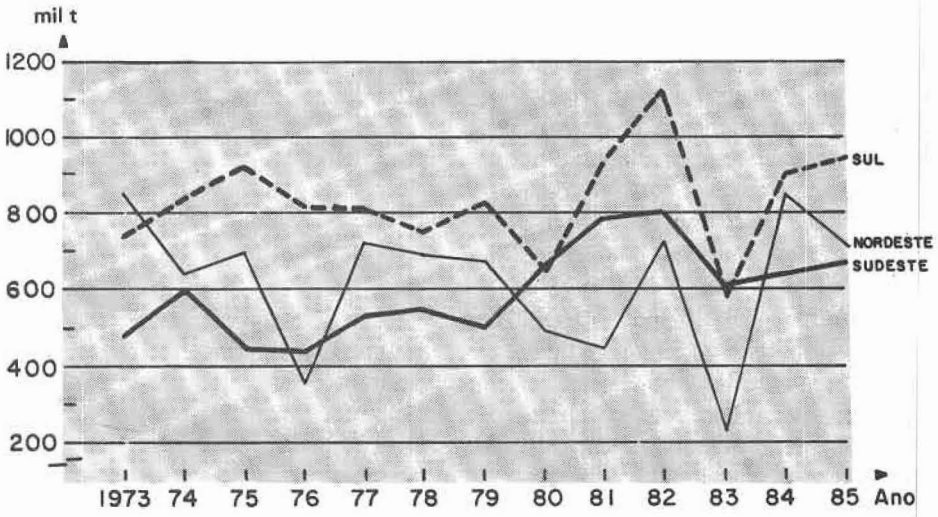
Caso se consiga motivar os agricultores, é boa a possibilidade de compensação das perdas do Sul do país. A Cepa chama a atenção para o fato de as estimativas oficiais do rendimento médio das lavouras basearem-se na média obtida nos últimos cinco anos, em que a seca afetou grandemente a agricultura regional. Por exemplo, em 1983/84, a produtividade física média do feijão baiano foi de meros 63 kg/ha, passando a 561 kg/ha, em 1984/85. Considera-se possível a obtenção de um rendimento físico entre 600 e 700 kg/ha, pois, em 1980, com condições excelentes, chegou-se à marca nunca igualada de 720 kg/ha.

No que se refere ao objetivo mediato, o plantio da safra da seca, há que decidir quanto aos estímulos via VBC's e preços básicos e buscar assegurar o acesso ao crédito. A disponibilidade de sementes é um gargalo a ser ultrapassado. No Rio Grande do Sul, por exemplo, o plantio da safrinha está prejudicado pelo alto preço deste insumo (de acordo com a CFP, em Candelária, grão da safra 1984/85 está sendo vendido, sem encargos, por Cr$ 400 mil a saca).

O pleno atendimento do abastecimento, em 1986 (já comprometido, no caso dos feijões de cores, que escassearão a partir de fevereiro), exige o êxito destas iniciativas. Afinal, o estoque oficial era, em 1º/11, de 330 mil t e a safra foi estimada, pelo IBGE, em novembro, em 935 mil t (esperavam-se 1,4 milhão de t) devendo reduzir-se ainda mais. Diante de um consumo de cerca de 2,8 milhões de t, vê-se que a safra da seca precisa ser excepcional, mas sua instabilidade (ver Gráfico 05) é notória.

FEIJÃO – PRODUÇÃO DAS REGIÕES NORDESTE, SUDESTE E SUL
1973-85 (mil t)

GRÁFICO 05



FONTE – IBGE.